

ESPÍRITO SANTO

Entre Cachoeiro e Vitória, na altura de Guarapari, paramos um pouco a "franga-zonza" de João Madureira na estrada. Junto a uma casinha um homem e uma mulher humildes estão espalhando café para secar no terreiro que não é cimentado, mas de terra batida. Converso com o homem. Ele conta que está ali há alguns anos, e veio com um capital de seis contos. Agora tem em dinheiro, no banco, trezentos contos. Tem oito empregados, cria galinhas, ceva porcos e aquele café que está espalhando já está vendido a mil cruzeiros a saca.

Não perguntei a esse homem como ele aplicará esses trezentos contos. O fato é que, apesar da desvalorização da moeda, a gente da lavoura do Espírito Santo, que a alta do café enriqueceu, gosta de guardar seu dinheiro no banco; os depósitos bancários aumentaram ultimamente de maneira impressionante, e, diz a mensagem do governador, "vem-se observando a tendência a transformarem-se depósitos a vista em depósitos a prazo, visando-se o benefício do juro melhor". Não há dúvida que uma parte desse dinheiro virá beneficiar a indústria, cujo surto é sensível; notamos também no sul do Estado uma inversão de capital em máquinas agrícolas, já com influência no desenvolvimento de certas culturas, como a do algodão. O Banco do Brasil muito tem facilitado a aquisição dessas máquinas. Uma incipiente indústria de óleos vegetais na Barra do Itapemirim vai adquirir uma frota de tratores para permitir uma produção suficiente de amendoim, criando uma cooperativa mecanizada em uma região onde a lavoura é secularmente atrasada.

Mas, como em todo o Brasil, o desenvolvimento da indústria e a expansão econômica geral do Espírito Santo esbarram com dois problemas principais, que são o transporte e energia. É ainda graças, principalmente, à alta do café que as finanças do Estado são tão boas no momento, que o atual governo está em condições de empreender obras capazes de melhorar de maneira importante a situação do Estado nesses dois setores. O plano enviado à Assembleia Legislativa prevê investimentos importantes em obras do porto de Vitória, e mais a construção de três centrais elétricas, a construção de algumas estradas mais importantes e a pavimentação asfáltica de 493 quilômetros de estrada, de Cachoeiro do Itapemirim a Colatina, no Rio Doce. Não creio que o Estado encontre dificuldades para lançar um empréstimo interno para enfrentar essas obras e ainda os trabalhos de fomento agrícola orçados em cerca de 73 milhões. A despesa e a receita para 1951 estão orçadas em 238 milhões; se a arrecadação do presente exercício igualar, apenas, a de 1950 (e o mínimo que se espera é um aumento de 15 por cento, para o crescimento puramente vegetativo da arrecadação) haverá um "superavit" de cerca de 25 milhões.

Ao mesmo tempo que disputa a Minas Gerais a posse de uma rica região invadida pelos mineiros, o Espírito Santo conquista o seu próprio território, entre o Rio Doce e a Bahia. Quem passa de avião e vê lá em baixo a floresta não pode imaginar que muitas vezes esse mato esconde imensos cacauais novos. Não queremos entrar no terreno das possibilidades (exploração da ilmenita e das areias monazíticas, por exemplo) nem no mistério que ainda cobre a geologia da planície norte do Estado, coberta por formações terciárias e quaternárias, "um território capaz de trazer surpresas de repercussão incalculável", como escreveu o sr. Fróis de Abreu; seria, o momento, aliás, do Estado se entender com a União para proceder a verificações de ordem geofísica nessa região; mas a expansão, por assim dizer, rotineira da economia do Estado está no momento chamando a atenção de capitais de outros Estados e países.

Que o café se aguente, ao menos por algum tempo, e o pequeno Estado poderá começar a construir sua verdadeira riqueza. Depois de alguns ciclos ilusórios, como aquele, pequeno, mas inédito e espantoso das águas-marinhas de Itaguassu: essas águas-marinhas de um azul tão profundo e ao mesmo tempo tão transparente, lindas como nunca se vira no mundo, um sonho de pureza e de beleza que atraiu silenciosamente, em um instante, uma chusma rápida de homens ricos e cupidos. Mas o que se achou foi apenas uma pedra; e nunca, nunca mais, apareceu nenhuma outra. E foi tão esquivada essa beleza tão fina e rara que até hoje eu, que naquele tempo as durezas da censura à imprensa quase transformaram em mercador de pedras, fiquei com a impressão de que Itaguassu é um país de lenda: o que vem de lá não existe...

R. B.

474